E-BOOK

PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL

ORGANIZADORAS
Viviane Cordeiro de Queiroz
Smalyanna Sgren da Costa Andrade

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

E-BOOK PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER
E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL
1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

E-BOOK

PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL

1ª EDIÇÃO. VOLUME 01.

ORGANIZADORAS
Viviane Cordeiro de Queiroz
Smalyanna Sgren da Costa Andrade

DOI: 10.47538/AC-2021.05

ISBN: 978-65-89928-01-0

Ano 2021

E-BOOK PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER
E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL
1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

E-BOOK

PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL

1ª EDIÇÃO. VOLUME 01.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Perspectivas científicas em saúde da mulher e no contexto materno-infantil [livro eletrônico] / organização Viviane Cordeiro de Queiroz , Smalyanna Sgren da Costa Andrade. -- 1. ed. -- Natal, RN : Amplamente Cursos e Formação Continuada, 2021.
PDF

ISBN 978-65-89928-01-0

1. Maternidade 2. Puerpério 3. Saúde da mulher I. Queiroz, Viviane Cordeiro de. II. Andrade, Smalyanna Sgren da Costa.

21-73575 CDD-613.04244

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde da mulher : Promoção 613.04244

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Amplamente Cursos e Formação Continuada
CNPJ: 35.719.570/0001-10
E-mail: publicacoes@editoraamplamente.com.br
www.amplamentecursos.com
Telefone: (84) 999707-2900
Caixa Postal: 3402
CEP: 59082-971
Natal- Rio Grande do Norte – Brasil

EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2021

E-BOOK PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER
E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL
1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Editora Chefe:
Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas

Assistentes Editoriais:
Caroline Rodrigues de F. Fernandes
Maria Pollyana Sales Vicente
Margarete Freitas Baptista

Bibliotecária:
Aline Graziele Benitez

Projeto Gráfico e Diagramação:
Luciano Luan Gomes Paiva
Caroline Rodrigues de F. Fernandes

Imagem da Capa:
Shutterstock

Edição de Arte:
Luciano Luan Gomes Paiva

Revisoras convidadas:
Cintia Bezerra Almeida Costa
Karen Krystine Gonçalves de Brito
Edna Samara Ribeiro César
Simone Soares Damasceno

2021 *by* Amplamente Cursos e Formação Continuada
Copyright © Amplamente Cursos e Formação Continuada

Copyright do Texto © 2021 Os autores
Copyright da Edição © 2021 Amplamente Cursos e Formação Continuada
Direitos para esta edição cedidos pelos autores à Amplamente Cursos e Formação Continuada.

Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de atribuição Creative Commons. Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC-BY-NC-ND).

Este e-book contém textos escritos por autores de diversos lugares do Brasil e, possivelmente, de fora do país. Todo o conteúdo escrito nos capítulos, assim como correção e confiabilidade são de inteira responsabilidade dos autores, inclusive podem não representar a posição oficial da Editora Amplamente Cursos.

A Editora Amplamente Cursos é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Todos os artigos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

É permitido o download desta obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Situações de má conduta ética e acadêmica ou quaisquer outros problemas que possam vir a surgir serão encaminhados ao Conselho Editorial para avaliação sob o rigor científico e ético.

EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2021

E-BOOK PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER
E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL
1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Damião Carlos Freires de Azevedo - Universidade Federal de Campina Grande

Dra. Danyelle Andrade Mota - Universidade Federal de Sergipe

Dra. Débora Cristina Modesto Barbosa - Universidade de Ribeirão Preto

Dra. Elane da Silva Barbosa - Universidade Estadual do Ceará

Dra. Eliana Campêlo Lago - Universidade Estadual do Maranhão

Dr. Everaldo Nery de Andrade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Dra. Fernanda Miguel de Andrade - Universidade Federal de Pernambuco

Dr. Izael Oliveira Silva - Universidade Federal de Alagoas

Dr. Jakson dos Santos Ribeiro - Universidade Estadual do Maranhão

Dra. Josefa Gomes Neta - Faculdade Sucesso

Dr. Maykon dos Santos Marinho - Faculdade Maurício de Nassau

Dr. Rafael Leal da Silva - Secretaria de Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba

Dra. Ralydiana Joyce Formiga Moura - Universidade Federal da Paraíba

Dra. Roberta Lopes Augustin - Faculdade Murialdo

Dra. Smalyanna Sgren da Costa Andrade - Universidade Federal da Paraíba

Dra. Viviane Cristhyne Bini Conte - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Wanderley Azevedo de Brito - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

CONSELHO TÉCNICO CIENTÍFICO

Ma. Ana Claudia Silva Lima - Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves

Ma. Andreia Rodrigues de Andrade - Universidade Federal do Piauí

Esp. Bruna Coutinho Silva - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Ma. Camila de Freitas Moraes - Universidade Católica de Pelotas

Me. Carlos Eduardo Krüger - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Esp. Caroline Rodrigues de Freitas Fernandes – Escola Ressurreição Ltda.

Me. Clécio Danilo Dias da Silva - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2021

Me. Fabiano Eloy Atílio Batista - Universidade Federal de Viçosa

Me. Francisco Odécio Sales - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará

Me. Fydel Souza Santiago - Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo

Me. Giovane Silva Balbino - Universidade Estadual de Campinas

Ma. Heidy Cristina Boaventura Siqueira - Universidade Estadual de Montes Claros

Me. Jaiurte Gomes Martins da Silva - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Me. João Antônio de Sousa Lira - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

Me. João Paulo Falavinha Marcon - Faculdade Campo Real

Me. José Henrique de Lacerda Furtado - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Me. José Flôr de Medeiros Júnior - Universidade de Uberaba

Ma. Josicleide de Oliveira Freire - Universidade Federal de Alagoas

Me. Lucas Peres Guimarães - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Ma. Luma Mirely de Souza Brandão - Universidade Tiradentes

Me. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa - Universidade Federal da Paraíba

Me. Márcio Bonini Notari - Universidade Federal de Pelotas

Ma. Maria Antônia Ramos Costa - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia

Ma. Maria Inês Branquinho da Costa Neves - Universidade Católica Portuguesa

Me. Milson dos Santos Barbosa - Universidade Tiradentes

Ma. Náyra de Oliveira Frederico Pinto - Universidade Federal do Ceará

Me. Paulo Roberto Meloni Monteiro Bressan - Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ma. Rosiane Correa Guimarães - Universidade Federal de Jataí

Ma. Sirlei de Melo Milani - Universidade do Estado de Mato Grosso

Ma. Viviane Cordeiro de Queiroz - Universidade Federal da Paraíba

Me. Weberson Ferreira Dias - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2021

E-BOOK PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER
E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL
1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Todos os autores desta obra declaram que trabalharam ativamente na produção dos seus trabalhos, desde o planejamento, organização, criação de plano de pesquisa, revisão de literatura, caracterização metodológica, até mesmo na construção dos dados, interpretações, análises, reflexões e conclusões. Assim como, atestam que seus artigos não possuem plágio acadêmico, nem tampouco dados e resultados fraudulentos. Os autores também declaram que não possuem interesse comercial com a publicação do artigo, objetivando apenas a divulgação científica por meio de coletâneas em temáticas específicas.

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2021

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

APRESENTAÇÃO

O E-book Perspectivas científicas em saúde da mulher e no contexto materno-infantil consiste em uma coletânea de manuscritos acadêmicos e científicos decorrentes dos resultados de pesquisas e experiências exitosas na área da saúde, atendendo aos diversos objetivos e caminhos metodológicos desenvolvidos por pesquisadores em todo o Brasil.

Não obstante, esta compilação possui a finalidade de favorecer a visibilidade das demandas na área de ginecologia, obstetrícia, neonatologia e pediatria, bem como dar luz aos debates sociais emergentes na atualidade, incorporando reflexões sobre políticas públicas, leis, processos de trabalho e assistência em saúde, a partir de relatos de experiências bem-sucedidas ou dos resultados das pesquisas científicas, seja concluída ou em andamento, compartilhando as suas mais variadas metodologias.

Dessa forma, a coletânea pretende trazer a tona diversos diálogos direcionados à complexidade do avanço do conhecimento, no sentido de fomentar desdobramentos e implicações à melhoria das práticas de saúde sobre o processo do cuidado frente ao feminino (e seus vieses), nascimento (crescimento e desenvolvimento), e perpetuação das potencialidades da mulher nas demandas contemporâneas e estruturas sociais.

Desejamos uma ótima leitura!

Smalyanna Sgren da Costa Andrade

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2021

E-BOOK PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER
E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL
1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

PREFÁCIO

Com imensa satisfação trago o panorama geral das produções apresentadas nessa coletânea que reflete a amplitude das diversas situações voltadas à saúde da mulher e ao contexto materno-infantil no Nordeste Brasileiro. Para tanto, a leitura perpassa pela exploração de caminhos inovadores na atualidade, práticas de saúde exitosas nos serviços, bem como condições clínicas que são peculiares, recorrentes e, por vezes, carecem de resolutividades para favorecimento da qualidade de vida das mulheres e crianças.

Assim, conteúdos como violência e abuso de poder nos meios digitais, como o cyberbullying, o sexting e a pornografia de vingança são contemporâneos e carecem de reflexões sobre como essa prática tem sido amplificada e vivenciada por mulheres em diversos contextos nas redes sociais. No campo da saúde pública, a atuação qualificada da enfermagem tem potencialidade para apoiar mulheres e famílias a enfrentarem situações de violência, especialmente quando essa atuação se dá no âmbito da atenção básica.

Não obstante, este livro eletrônico também reúne conteúdos de práticas multiprofissionais, tal como a necessidade do manuseio de tecnologias duras, como a ultrassonografia, aliada às competências e habilidades necessárias ao diagnóstico da endometriose profunda pelo profissional médico.

Na perspectiva da gestação, trabalhos enfocam como a incontinência urinária pode repercutir negativamente na qualidade de vida da mulher, trazendo à tona a importância da atuação do fisioterapeuta no ciclo grávido-puerperal e, portanto, como ator no modelo interdisciplinar de cuidado. Nesse consolidado de boas ideias e pesquisas, um destaque é dado à importância do pré-natal do/a parceiro/a não só para o/a companheiro, mas como estratégia indireta de promoção do cuidado às mulheres durante a gravidez. Parceiro/a saudável tem potencialidade para melhor cuidar e acolher as mulheres durante a gravidez, parto e pós-parto!

No que tange a enfermagem obstétrica, o pré-natal na gestação saudável e experiências exitosas para uma vivência de parto positivo são potenciais para transformar o modus operandi da assistência e servem de inspiração para a transformação do cuidado intervencionista em cuidado humanizado e ancorado nas diretrizes vigentes.

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2021

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Considerando o contexto pandêmico em que o Brasil e o mundo está imerso desde 17 de março de 2020, o olhar acurado sobre a gravidez, parto e puerpério, mais que uma escolha de objeto de pesquisa é um compromisso social com as mulheres, considerando que o Brasil está no epicentro de mortes maternas no mundo. Realidade que denuncia a fragilidade da assistência dispensada às mulheres historicamente e a vulnerabilidade de classe e raça intrínseca às mortes maternas no Brasil. Mulheres pretas e pobres são as destinadas à morte por engravidarem.

Nesse caminho escuro, a formação qualificada é a luz que pode reduzir a mortalidade materna por causas diretas ou indiretas, especialmente, aquelas por hipertensão e diabetes ainda serem, neste novo século, as principais morbidades que acometem mulheres na gravidez e que são de fácil controle, se uma assistência obstétrica de qualidade for ofertada, salvando vidas e melhorando desfechos. Para situações que fogem do cotidiano do cuidado obstétrico, o convite é para refletir o cuidado a mulheres cujos úteros são compartilhados entre feto e mioma. Embora seja uma situação pouco comum para a maioria dos cuidadores, é uma realidade presente em alguns serviços, especialmente os serviços especializados.

Todavia, não só o olhar sobre as mulheres se faz necessário, mas discutir a vida que ela traz em si também é uma forma de promoção do cuidado integral em saúde. Assim destacamos na neonatologia, o conhecimento das gestantes sobre os cuidados imediatos ao bebê, assistência de enfermagem na promoção do cuidado com a pele do recém-nascido prematuro frente ao uso do sensor de oxímetro, bem como uso da redeterapia na unidade de terapia intensiva e a cirurgia intrauterina para o tratamento de mielomeningocele. Essa coletiva de textos constitui-se como saberes necessários às práticas de cuidado a vida que chega nesse plano e que requer um olhar para além das intervenções.

Da gestação ao pós-nascimento, ainda coube a criança; esse ser que representa o futuro e que tem direito de ter suas necessidades atendidas, em especial na primeira infância, quando a assistência qualificada na atenção primária torna-se uma condição sine qua non para a redução das internações imunopreveníveis em crianças menores de cinco anos.

Desse modo, o esforço em entregar esse livro eletrônico é a expressão do compromisso social de suas organizadoras e dos pesquisadores envolvidos com as mulheres, seus bebês e suas famílias. É também um convite para a promoção do modelo

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2021

colaborativo de cuidado, no qual todos os profissionais têm lugar e onde a centralidade é da mulher e de seus bebês.

Finalizo essa escrita com o coração cheio de gratidão e com o desejo ao leitor, que ao lançar seu olhar sobre essa obra, o faça na intenção de compreender os diversos contextos e apreender os múltiplos saberes diluídos entre palavras, frases e parágrafos. Não seria possível finalizar, sem evocar a verdade do grande baluarte da Educação no Brasil e no Mundo, nosso vivo Paulo Freire, quando enuncia que o conhecimento é fruto da criação de "possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

Waglânia de Mendonça Faustino[1]

[1] Militante pelos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Enfermeira Obstetra. Mestre em Enfermagem. Doutora em Saúde Pública. Professora do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba. Presidenta da Associação Brasileira de Obstetrizes e Enfermeiros Obstetras (Seção Paraíba).

SUMÁRIO

CARTA AOS LEITORES 17
ACUPUNTURA E OUTRAS TERAPIAS COMPLEMENTARES NA ASSISTÊNCIA EM ENFERMAGEM DURANTE O PRÉ-NATAL, PARTO, PUERPÉRIO E ALEITAMENTO
Smalyanna Sgren da Costa Andrade; Viviane Cordeiro de Queiroz.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-C1

CARTA AOS LEITORES 21
A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA FRENTE AO CUIDADO COM A MULHER ACOMETIDA POR DIABETES MELLITUS GESTACIONAL
Viviane Cordeiro de Queiroz; Smalyanna Sgren da Costa Andrade.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-C2

CAPÍTULO I 24
A IMPORTÂNCIA DO DOMÍNIO DA TÉCNICA DE ULTRASSONOGRAFIA PARA O DIAGNÓSTICO DE ENDOMETRIOSE PROFUNDA
Ana Paula de Oliveira Silveira; Astrid Boller; Celise Martins Sant'Ana;
Letícia Aquino Sousa; Luis Henrique Santana Luz;
Sofia Helena Marques Rocha.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-01

CAPÍTULO II 37
A PREVALÊNCIA DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NA GESTAÇÃO E AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA
Amanda Taynã Bento Pereira; Jéssica Aparecida Laurentino;
Thalita Rodrigues Pedroso; Yasmin Peterman Fernandes;
Maria Rita Martins da Rocha.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-02

CAPÍTULO III 54
ASSISTÊNCIA AO PARTO DE RISCO HABITUAL PELA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DAS RECOMENDAÇÕES DO MINISTÉRIO DA SAÚDE
Kayo Elmano Costa da Ponte Galvão; Roseane Lustosa de Santana;
Rivaldo Lira Filho.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-03

CAPÍTULO IV ____ **73**
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO PRÉ-NATAL DE BAIXO RISCO NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA
Maria Helena Rodrigues Costa Silva; Dilyane Cabral Januário;
Andrezza Rayana da Costa Alves Delmiro; Iolanda Carlli da Silva Bezerra;
Alexsandra de Luna Freire Holanda; Jozicleide Barbosa dos Santos.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-04

CAPÍTULO V ____ **93**
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA
Maiara Luci Silva Costa; Rosimara Soares Faustino; Simone Tomaz Batista;
Denise Rocha Raimundo Leone.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-05

CAPÍTULO VI ____ **119**
CENÁRIO DA GESTAÇÃO E DO PARTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA POR COVID-19
Ana Luiza Fonseca Azevedo; Giovanna Aparecida Marques Rezende;
Fernanda Loureiro Ignácio; Jéssica R. C. S. da Fonseca;
Maria Luísa Ciríaco Lima; Juliana Pinheiro Dutra.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-06

CAPÍTULO VII ____ **125**
CIRURGIA INTRAUTERINA PARA O TRATAMENTO DE MIELOMENINGOCELE
Luiza Ballesteros Machado; Júlia Ballesteros Machado;
Maria Eugênia Rezeck Braga Hibner; Carolina Gonzaga Fonseca.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-07

CAPÍTULO VIII ____ **134**
CONHECIMENTO DAS GESTANTES SOBRE DIABETES GESTACIONAL
Gláucio Magno Nascimento Silva; Anna Paula dos Santos Silva;
Lívia Ferreira Cirilo Galdino; Valdicléia da Silva Ferreira Torres;
Waléria Bastos de Andrade; Suellen Duarte de Oliveira Matos.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-08

CAPÍTULO IX **149**
CONHECIMENTO DE GESTANTES ACERCA DOS CUIDADOS AO RECÉM-NASCIDO: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA
Ilana Vanina Bezerra de Souza; Amanda Benício da Silva;
Thaís Ponciano Barbosa da Silva; Rebeca Medeiros dos Santos;
Karoline de Medeiros Lourenço; Bruna Beatriz Cavalcanti Rodrigues.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-09

CAPÍTULO X **160**
CUIDADOS DE ENFERMAGEM COM A PELE DO RECÉM-NASCIDO PREMATURO, COM ÊNFASE EM EVENTOS ADVERSOS RELACIONADOS AO USO DO SENSOR DE OXÍMETRO NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL
Sintia Dias Portugal
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-10

CAPÍTULO XI **179**
DESAFIO DAS GESTANTES NO CONTEXTO DA COVID-19: GESTAÇÃO, PARTO E PUERPÉRIO
Ana Carolina Dalsecco Alves; Ana Laura Pimenta Pelucio;
Ingridy Maria Diniz Melo Azevedo; Khatty Johanny Humbelina Avellán Neves;
Laura Bragança Rabelo de Sousa; Manuela Pittella de Mattos.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-11

CAPÍTULO XII **190**
EFETIVIDADE DOS EXERCÍCIOS CINESIOTERAPÊUTICOS SOBRE A QUALIDADE DE VIDA E INCONTINÊNCIA URINÁRIA MISTA EM MULHER COM DIABETES NEUROPÁTICA
Maria Rita Martins da Rocha; Érika Tonon; Rafaela Caroline Silva Bertanha;
Lucimar de Carvalho Freitas;
Thais Aparecida Bozza Magosso; Ana Lúcia Gonçalves da Silva Azevedo.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-12

CAPÍTULO XIII **210**
FATORES DE RISCO E AGRAVOS RELACIONADOS À MORTALIDADE MATERNA
Renata Cláudia da Silveira Fortunato; Danielle Victor Fernandes;
Suellen Duarte de Oliveira Matos; Ana Paula da Silva e Rocha Cantante;
Margarida da Silva Neves de Abreu; Adriana Lira Rufino de Lucena.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-13

CAPÍTULO XIV 225
IMPLICAÇÕES MATERNAS E FETAIS ASSOCIADAS AO MIOMA NA GRAVIDEZ
Alexon Melgaco Racilan; Barbara Letícia Andrade Vieira;
Gabriel Debortoli Fernandes; Daniela Veloso Gomes;
Marina Teixeira de Sousa; Vittoria Maria Silva Pedrosa.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-14

CAPÍTULO XV 235
LINHA DE FRENTE: GRADUANDOS DE ENFERMAGEM NO COMBATE AO CORONAVÍRUS EM MATERNIDADE DE REFERÊNCIA
Ísis de Siqueira Silva; Pedro Bezerra Xavier;
Emanuel Nildivan Rodrigues da Fonseca; Gilberto Safra;
Jank Landy Simôa Almeida; Rosangela Vidal de Negreiros.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-15

CAPÍTULO XVI 249
MORTALIDADE MATERNA: POR QUE A HIPERTENSÃO CONTINUA SENDO A CAUSA MAIS FREQUENTE DE MORTALIDADE MATERNA NO BRASIL?
Isadora Villamarim Guerra Borges; Ana Caroline Moreira Santos;
Victoria Dornas Parreiras Coutinho Gonçalves.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-16

CAPÍTULO XVII 260
O ENFERMEIRO NO CENTRO CIRÚRGICO E A SEGURANÇA DO PACIENTE
Sílvia Souza Lima Costa
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-17

CAPÍTULO XVIII 271
OS BENEFÍCIOS DA REALIDADE VIRTUAL PARA O TRATAMENTO FISIOTERAPÊUTICO DO PORTADOR DE ENCEFALOPATIA: REVISÃO INTEGRATIVA
Mariana Balduino Aguiar; Xisto Sena Passos;
Thais Bandeira Riesco.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-18

CAPÍTULO XIX ____ **284**
PARTICIPAÇÃO DO PAI DURANTE O PRÉ-NATAL: PERCEPÇÃO DE GESTANTES
Yasmim Gonçalves Teles Santos; Alexsandra de Luna Freire Holanda;
Maria de Lourdes Vieira Lins; Erta Soraya Ribeiro César Rodrigues;
Myllena Maria Tomaz Caracas; Edna Samara Ribeiro César.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-19

CAPÍTULO XX ____ **297**
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA MORTALIDADE MATERNA EM UMA CAPITAL DO NORDESTE
Clarice Emília Silva Munguba; Fagner Arruda de Lima;
Marcos Henrique Oliveira Sousa; Flavia Marques de Sousa Melo;
Karyanna Alves de Alencar Rocha.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-20

CAPÍTULO XXI ____ **314**
PREVALÊNCIA DAS INTERNAÇÕES POR DOENÇAS IMUNOPREVENÌVEIS EM CRIANÇAS MENORES DE CINCO ANOS
Gustavo Henrique Santos da Silva; Thiago Azevedo Feitosa Ferro.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-21

CAPÍTULO XXII ____ **326**
USO DA REDETERAPIA NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL
Ilana Vanina Bezerra de Souza; Valdicléia da Silva Ferreira Torres;
Eliane Cristina da Silva Buck; Adda Beatriz Lopes de Oliveira;
Rebeca Medeiros dos Santos; Karoline de Medeiros Lourenço.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-22

CAPÍTULO XXIII ____ **344**
VIOLÊNCIA DIGITAL CONTRA A MULHER: EFEITOS DO CYBERBULLYING, SEXTING E DA PORNOGRAFIA DE VINGANÇA NAS REDES SOCIAIS
Wellyta Ribeiro de Souza; Fabio Montalvão Soares.
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-23

POSFÁCIO ____ **365**
SOBRE AS ORGANIZADORAS ____ **367**
SOBRE OS AUTORES ____ **369**
ÍNDICE REMISSIVO ____ **379**

CAPÍTULO V

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA

Maiara Luci Silva Costa[26]; Rosimara Soares Faustino[27]; Simone Tomaz Batista[28];
Denise Rocha Raimundo Leone[29].
DOI-Capítulo: 10.47538/AC-2021.05-05

RESUMO:
Introdução: A violência contra mulher é um problema recorrente em todo o mundo, causando diversos danos que podem ser físicos, financeiros, psicológicos e a saúde das vítimas. Sua incidência vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. E considerando que estas mulheres são potenciais usuárias dos serviços de saúde, nos quais os enfermeiros prestam assistência, torna-se relevante a atuação destes. O objetivo do trabalho é compreender a atuação do enfermeiro frente aos tipos de violência contra a mulher. Para tanto foi realizada uma revisão narrativa da literatura. Para as buscas de artigos, utilizou-se as seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Scientific Eletronic Library Online, National Library of Medicine e National Institutes of Health, Base de Dados de Enfermagem. Foram utilizados os seguintes descritores em Ciências da Saúde, Assistência de Enfermagem, Violência Contra a Mulher, Cuidados de Enfermagem, e nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. Adotou-se como filtro, manuscritos publicados nos últimos cinco anos. Desenvolvimento: Com a análise dos artigos surgiram as seguintes categorias: Epidemiologia da violência contra a mulher; Tipos de violências sofridas pelas mulheres; Surgimento da Lei Maria da Penha: avanços para a proteção da mulher; Assistência de Enfermagem à mulher vítima de agressão e Locais de saúde para assistência à mulher vítima de violência. E apreendeu-se que, algumas instituições adotam seus próprios protocolos e condutas para a assistência de enfermagem à mulher que sofreu violência, enquanto outras realizam um atendimento baseado nos sinais e sintomas apresentados pela vítima. O enfermeiro ao receber essa mulher, costuma perceber que ela está fragilizada, receosa, com inúmeras dúvidas e medos. Sendo assim, a abordagem profissional da equipe de saúde, sobretudo do enfermeiro, deve ser coesa e clara, com empatia e humanização. A assistência ofertada deve ser em local reservado e necessita ser resolutiva, que oriente, esclareça, e que utilize os procedimentos, protocolos e fluxos estabelecidos pelos serviços de saúde. Ressalta-se que quanto mais capacitado o profissional for, melhor será o atendimento prestado.

26 Bacharelado em enfermagem pelo Centro universitário Estácio de Juiz de Fora. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7979009295172577. E-mail: maiaraluci21@gmail.com
27 Bacharelado em enfermagem pelo Centro universitário Estácio de Juiz de Fora. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8552030101320770. E-mail: faustino.rosimara@gmail.com
28 Bacharelado em enfermagem pelo Centro universitário Estácio de Juiz de Fora. E-mail: simonetomaz438@gmail.com
29 Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Centro Universitário Estácio Juiz de Fora. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6578591830719845. E-mail: denise.leone@estacio.br

PALAVRAS-CHAVE: Violência doméstica. Violência. Mulheres. Enfermagem. Violência contra mulher. Cuidados de enfermagem

NURSE'S PERFORMANCE IN ASSISTANCE TO WOMAN VICTIMS OF VIOLENCE

ABSTRACT:
Introduction: Violence against women is a recurring problem worldwide, causing several damages that can be physical, financial, psychological and the victims' health. Its incidence has increased considerably in recent years. And considering that these women are potential users of health services, in which nurses provide assistance, their performance is relevant. The objective of the work was to understand the role of nurses in the face of types of violence against women. To this end, a narrative literature review was carried out. For article searches, the following databases were used: Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences, Scientific Eletronic Library Online, National Library of Medicine and National Institutes of Health, Nursing Database. The following descriptors were used in Health Sciences, Nursing Assistance, Violence Against Women, Nursing Care, and in Portuguese, English and Spanish. Manuscripts published in the last five years have been adopted as a filter. Development: With the analysis of the articles, the following categories emerged: Epidemiology of violence against women; Types of violence suffered by women; Emergence of the Maria da Penha Law: advances for the protection of women; Nursing care for women who are victims of aggression and Health facilities for women who are victims of violence. And it was apprehended that some institutions adopt their own protocols and conducts for nursing care for women who have suffered violence, while others provide care based on the signs and symptoms presented by the victim. When the nurse receives this woman, she usually realizes that she is fragile, afraid, with countless doubts and fears. Therefore, the professional approach of the health team, especially the nurse, must be cohesive and clear, with empathy and humanization. The assistance offered must be in a reserved place and needs to be resolutive, to guide, clarify, and to use the procedures, protocols and flows established by health services. It is noteworthy that the more qualified the professional is, the better the service provided.
KEYWORDS: Domestic violence. Violence. Women. Nursing. Violence against woman. Nursing care.

INTRODUÇÃO

A violência contra mulher tem sido um problema recorrente em todo o mundo, causando diversos danos físicos, financeiros e psicológicos a saúde das vítimas, tornando

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

esse tipo de agressão um problema de saúde pública, visto que tais danos causados pela violência recorrente gera um compilado de transtornos a vida da mulher (SANTOS et al., 2018). Ela também é denominada como violência de gênero, tendo influência nos fatores biológicos, sociais, políticos e financeiros, sendo o primeiro fator o de maior relevância na maioria dos casos (NETTO et al., 2018).

É estimado que, segundo a Organização Mundial da Saúde, uma em cada três mulheres é, já foi ou será vítima de violência doméstica (OPAS BRASIL, 2017).

Segundo Waiselfisz (2015, p. 11) em seu Mapa da Violência de 2015, "os homicídios tiveram um aumento de 252% no período de 1980 a 2013", sendo uma mulher morta a cada 2 horas no país.

No período de 2011 a 2015, foram notificadas no Sistema de Formação de Agravos e Notificação (SINAN), 162.575 mil casos de violência contra a mulher e no Sistema de Informação Sobre Mortalidade (SIM), 18.478 mil mortes por agressão a mulheres, na faixa etária de 20 a 60 anos. Na cidade de Natal, em 2014, foram registrados 3.624 processos referentes a violência contra a mulher. Contudo, sabe-se que estes dados são subnotificados, podendo ser bem maior o número de mulheres que sofrem agressão (SANTOS et al., 2018; FREITAS et al., 2017).

Dentre os fatores associados à violência contra a mulher estão a baixa escolaridade, os maus tratos na infância, a violência familiar por parte das vítimas, os múltiplos parceiros, a aceitação da violência onde algumas nem chegam a denunciar os agressores, a falta de comunicação entre o casal, o transtorno de personalidade dos autores, a desigualdade de gênero, o uso de álcool e outros tipos de drogas, os antecedentes de violência por parte dos autores, brigas e discordâncias, e ideologias que privilegiam o homem. Por esses motivos, há, nos dias atuais, projetos voltados a dar mais independência às mulheres, com o objetivo de geração de renda e levando informações relevantes para que a mulher saiba identificar as agressões e encorajar possíveis denúncias (OPAS BRASIL, 2017).

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Considerando o perfil das mulheres que sofrem violência, as mulheres de cor negra têm o maior número de registros de internação devido à agressão, seguido de mulheres pardas e depois as brancas. Os tipos de violência mais cometidos são física e sexual e estão relacionados ao companheiro ou alguém próximo. Já a questão do gênero e as violentadas por algum tipo de arma estão associadas a algum tipo de criminalidade (RODRIGUES; RODRIGUES; FERREIRA, 2017).

As jovens negras de baixo nível de escolaridade são as mais vulneráveis na visão global e boa parte das violências sexuais não é notificada, por vergonha, medo, sentimento de culpa, falta de apoio familiar, e principalmente quando o agressor faz parte do ciclo social, como pais, padrasto, avô, tio, primo (MADEIRO et al., 2019).

Contudo estes dados podem variar conforme região, como por exemplo, foi observado, em um estudo entre 2009 a 2016, no Piauí, que na fase reprodutiva, as mulheres sofrem mais com a violência, sendo a física a de maior proporção. As mulheres que apresentam idade até 29 anos, que tenham cursado até o ensino fundamental, raça parda e casadas, são as mais vulneráveis para o cenário de violência, pois mantêm o agressor como parceiros íntimos e a ocorrência dentro da própria residência. A ruptura do modelo de submissão da mulher ao provedor familiar, incide sobre a exposição da agressão, no âmbito mundial. Ocorre um aumento da violência quando existe uso de drogas lícitas ou ilícitas, tanto por parte do agressor quanto da vítima (MOTA; AGUIAR, 2020).

Dentro do período acima mencionado, no Piauí, a violência sexual apresentou como perfis predominantes adolescentes, raça parda, mulheres solteiras, abuso por desconhecidos e abordagem em via pública. A violência sexual ocorre também dentro do grupo familiar, atingindo mais as crianças e adolescentes, sendo que geralmente ela só é compartilhado quando ocorre a gravidez indesejada (MADEIRO et al., 2019).

Já no estado de São Paulo, as vítimas de violência sexual tinham como antecedentes a atividade sexual iniciada entre 15 e 18 anos, o não uso de método contraceptivo, ter contato com até 3 parceiros e já ter apresentado doença sexual

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Papiloma Vírus Humano (HPV). Mostrou também que, mulheres que tinham mais de 3 filhos ou que gestaram mais de 4 vezes, eram as mais suscetíveis a violência pelo parceiro (SILVA et al., 2020).

A puberdade é um período que desponta a carência de se encontrar em algum grupo, onde as emoções e a necessidade de viver aventuras trazem uma fragilidade, trazendo a participação de condutas e escolhas ruins como o experimento de bebidas alcoólicas, o tabagismo, as drogas ilícitas, o uso inadequado do ambiente virtual, a sedução por maiores e o incentivo a encontros sexuais casuais, sendo que em muitos desses encontros pode ocorre a violência, pois não existe sentimento de respeito, confiabilidade e segurança, levando a vítima a inúmeros tipos de violência e perigo de vida (BRASIL, 2016).

Diante deste panorama, é necessário que o enfermeiro esteja munido de todas as informações para atender a vítima (RODRIGUES; RODRIGUES; FERREIRA, 2017). Nesse contexto, a enfermagem deve se atentar para a prática de saúde ideal em cada atendimento, considerando o tipo de violência sofrida pela mulher. Segundo o Ministério da Saúde, o acolhimento é uma ferramenta que busca proporcionar qualidade a assistência, visando reduzir os danos à vítima, já que esse atendimento costuma ser um dos primeiros a serem procurados. Porém, o constrangimento ainda impede que os relatos verídicos e as informações necessárias sejam passadas, gerando subnotificações e podendo mascarar a gravidade desse tipo de crime tão comum e rotineiro em nosso meio (BRASIL, 2016).

A enfermagem atua como protagonista nesse processo de acolhimento, dando assistência, informando os cuidados e direitos das vítimas e incluindo seus familiares, quando possível (NETTO et al., 2018).

Um dos papéis do enfermeiro é realizar o acolhimento de forma acessível, integral, criterioso e sigiloso, visando desempenhar de forma neutra a sua assistência, realizando uma relação de acessibilidade para criar um vínculo de confiança, visto que a mulher vitimizada, sofre inúmeros preconceitos e dificuldades em ter acesso ao

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

atendimento, pois a falta de informação de seus direitos a assistência correta somado a falha no sistema de saúde pública, colabora para a subnotificação dos casos (SILVINO et al., 2016; GARBIN et al., 2015).

Contudo, há outros papéis que o enfermeiro pode e deve assumir na assistência a mulheres que sofreram violência sexual, e ao considerar os tipos de violência que podem acometer as mulheres e a magnitude deste problema, este trabalho toma por objeto a assistência de enfermagem à mulher vítima de violência e a questão que norteou essa revisão foi: Qual a assistência do enfermeiro a mulher vítima de violência? Nesse contexto, o objetivo desta foi: Compreender a atuação do enfermeiro na assistência à mulher vítima de violência.

METODOLOGIA

Realizou-se uma Revisão Narrativa de Literatura, que constituem basicamente de análise da literatura publicada em artigos de revistas impressas e/ou eletrônicas, com a finalidade de contribuir para a educação continuada (ROTHER, 2007).

Os artigos utilizados nesta pesquisa visam responder a questão norteadora através de buscas eletrônicas nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), National Library of Medicine (PUBMED), National Institutes of Health (NIH) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), e utilizando-se das palavras-chave: Violência doméstica. Violência. Mulheres. Enfermagem. Violência contra mulher. Cuidados de enfermagem, e seus respectivos correspondentes em inglês e espanhol. Utilizou-se o operador booleano AND. Foi aplicado o filtro de data de 2015 a 2020. A coleta de dados ocorreu durante o mês de setembro e outubro de 2020.

DESENVOLVIMENTO

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Com base nas buscas realizadas nos bancos de dados citados, foram encontrados artigos relacionados ao tema da pesquisa apresentada, onde esses resultados reforçam a ideia de que o enfermeiro deve estar preparado para atender as vítimas de violência e fazer o redirecionamento delas de forma correta para a sua melhor recuperação.

Além disso, aprendeu-se que as mulheres podem sofrer diversos tipos de violência e que a atuação do enfermeiro varia conforme o tipo de violência. Neste sentido, emergiu da análise as categorias a saber: Epidemiologia da violência contra a mulher; Tipos de violências sofridas pelas mulheres; Surgimento da Lei da Maria da Penha: avanços para a proteção da mulher e Assistência do enfermeiro à mulher vítima de violência e os Locais de assistência à saúde da mulher vítima de violência.

EPIDEMIOLOGIA DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER

Em todo mundo, segundo estimativas publicadas pela Organização Mundial da saúde (OMS), quase um terço das mulheres (30%) já se relacionaram com parceiros violentos e relatam terem sofrido violência física e/ou sexual provindas desse relacionamento, e somado a isso, 38% dos feminicídios no mundo são cometidos por parceiros do sexo masculino (OPAS BRASIL, 2017).

Um estudo publicado em 2017 pela OPAS BRASIL e realizado em 2005 em 10 países, estima que 15% de mulheres no Japão e 71% na Etiópia relataram terem sofrido violência física e/ou sexual por parte de seus parceiros, tendo em comum baixa e média renda e idade entre 15 e 49 anos. Além disso, entre 0,3% e 11,5% com mais de 15 anos de idade afirmaram que sofreram violência sexual por parte de pessoas que não eram seus parceiros. Ademais, 17% das mulheres na Tanzânia rural, 24% no Peru rural e 30% em zonas rurais de Bangladesh relataram que a primeira experiência sexual foi forçada (OPAS BRASIL, 2017).

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Considerando os dados sobre Violência de Gênero, a cada 8 minutos foi registrado um estupro no Brasil, o que totaliza 66.123 boletins de ocorrência deestupro registrados em delegacias, sendo 85,7% do sexo feminino. Os homicídios dolosos e os feminicídios cresceram no primeiro semestre de 2020, comparando com 2019, aumentando de 1.834 para 1.861 para homicídio doloso e de 636 para 648 no caso de feminicídio (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020).

Todavia, no que se refere à violência sem o desfecho de homicídio, no Pará, houve uma redução de 49,1% no total de ocorrências de violência contra a mulher registradas entre os dias 19 de março e 02 de abril, se comparado ao mesmo período de 2019. No caso das lesões corporais dolosas decorrentes de violência doméstica, no Estado do Mato Grosso, por exemplo, os registros apresentaram uma queda de 21,9%, passando de 953, em março de 2019, para 744, em março de 2020 (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020).

No Rio Grande do Sul, os registros de agressão apresentaram uma queda de 9,4%, em março deste ano, comparado com mesmo mês do ano passado, e de 14,7% em relação a 2018. Também na comparação de março de 2020 com março de 2019, no Acre, a queda dos registros de agressão foi de 28,6%, no Ceará de 29,1% e no Pará de 13,2%, porém, apenas no Rio Grande do Norte se verificou um crescimento dos registros desse tipo de violência, pois em março de 2020 o aumento foi de 34%, em relação ao mesmo mês de 2019, e de 72% em relação a 2018. No Brasil, o número total de denúncias caiu de 8.440, em março de 2019, para 7.714, em março de 2020, mostrando uma redução de 8,6% (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020).

Neste ano de 2020, durante a quarentena causada pela pandemia da COVID-19, a Itália, que entrou em quarentena no dia 09 de março e apresentou uma das situações mais críticas de casos de coronavírus, foi registrada uma queda de 43% das denúncias/ocorrências de crimes domésticos em seu território. De acordo com os dados oficiais divulgados pelo comitê parlamentar de violência contra mulheres, os relatórios da polícia sobre abuso doméstico caíram para 652, nos primeiros 22 dias do mês de

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

março, comparado a 1.157 no mesmo período de 2019. Também, a maior linha de apoio à violência doméstica do país, o Telefone Rosa, afirmou que as ligações caíram 55% desde o princípio do isolamento, onde foram registradas apenas 496 chamadas nas duas primeiras semanas de março, sendo que no mesmo período do ano passado foram 1.104 de chamadas (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020).

No Brasil, os casos de violência doméstica aumentaram consideravelmente, efeito do isolamento social imposto é necessário, o que piorou para a vida de milhares de mulheres que já viviam em situação de violência doméstica, já que estas foram obrigadas a permanecer mais tempo no lar junto a seu agressor, por outro lado, o número de denúncias diminuiu, presumindo o medo das vítimas em denunciar. Segundo dados disponibilizados pelos Tribunais de Justiça de cada estado, o número de solicitações e concessões de medidas protetivas de urgência apresentaram uma queda de, respectivamente, 3,7% e 8,8% durante o mês de março, no estado do Acre, quando comparado ao mesmo período do ano passado. Já em São Paulo, houve um aumento de 2,1 % de solicitações e de 31% de concessões das medidas, assim como no estado do Pará, que registrou aumento de 8,9% de concessões (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020).

Com isso, vimos que a redução das denúncias teve como determinante o período de isolamento social. Porém, as demandas de atendimento por agressão não cessaram, visto que essas mulheres continuam sendo agredidas.

TIPOS DE VIOLÊNCIAS SOFRIDAS PELAS MULHERES

A seguir encontram-se as especificações quanto aos principais tipos de violência existentes.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

A assistência do enfermeiro às vítimas de violência doméstica busca proteger e amparar esse tipo de paciente, com o objetivo de assistir e orientá-las da situação no qual convivem e prevenir futuros agravos (ALECRIM et al., 2020).

Segundo a Lei Maria da Penha, violência doméstica é: "[…] qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial" (BRASIL, 2006, art. 5).

Salienta-se que todo caso de violência doméstica deve ser notificado aos órgãos competentes, por ser considerada repetitiva e podendo gerar danos irreversíveis, como a mulher ficar mais suscetível a contrair Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), aborto induzido, abuso de álcool, depressão e suicídio. A violência doméstica durante a gravidez pode contribuir para aborto espontâneo e interrupção da amamentação (MADEIRO et al., 2019).

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Define-se por violência psicológica o ato ou conduta que cause danos emocionais, impotência, deprecie seu desenvolvimento pessoal, use o medo da vítima para gerar controle sobre a mesma, manipulando, gerando isolamento social, causando constrangimento e humilhação em público, assim o adoecimento psíquico (BRASIL, 2016).

A violência psicológica, também conhecida como Agressão Silenciosa, é pouco conhecida, e faz com que a mulher perca sua autoestima ou até mesmo sua identidade, necessitando em alguns casos de reabilitação psicossocial devido ao prejuízo causado a sua saúde mental (CORTES; PADOIN, 2016).

Há uma grande dificuldade em identificar a violência psicológica devido ao constrangimento apresentado por esse tipo de paciente, fazendo-se necessária a criação de um vínculo entre o profissional e a vítima para identificar o tipo de violência (CORTES; PADOIN, 2016).

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

VIOLÊNCIA FÍSICA

Define-se por violência física a conduta ou ato que visa degradar a integridade corporal, pelo uso de força intencional, causando dor e sofrimento. É uma ocorrência antiga e ainda subnotificada, porém atualmente tem ganhado visibilidade, devido à gravidade dos casos divulgados na mídia. Esta pode ocorrer no ambiente familiar, onde o agressor é uma pessoa próxima ou íntima, sendo de confiança, sem consanguinidade, ou até mesmo por funcionários, agregados ou pessoas que frequentam a residência ocasionalmente (MADEIRO et al., 2019; ACOSTA et al., 2017; BRASIL, 2016).

As mulheres mais agredidas são casadas ou que mantêm uma união estável, sendo que a quebra de submissão e a crença de superioridade do homem perante a mulher muitas das vezes é o motivo para a prática da violência. Todas as mulheres, independente da faixa etária, orientação sexual, etnia ou condição econômica podem se deparar, em algum momento da sua vida, com essa agressão. E à medida que a mulher envelhece, fica menos suscetível a esta situação, pois adquire maturidade e meios de proteger-se. Mesmo assim, pode decorrer da infância à velhice e em todos os ambientes (MADEIRO et al., 2019; BRASIL, 2016).

A violência gera, seja a curto ou a longo prazo, problemas social, psicológico, físico, sexual, reprodutivo, utilização de medicamentos por longa data e alta rotatividade no emprego, acarretando alguma intervenção em saúde em algum momento da sua vida (MADEIRO et al., 2019; ACOSTA et al., 2017; BRASIL, 2016).

VIOLÊNCIA SEXUAL

Violência sexual é todo ato, de atividade sexual não consentida, realizado a força ou que force a presenciar alguma prática de violência sexual, causando constrangimento. Neste tipo de violência, as mulheres solteiras são as mais atingidas, e geralmente o agressor é um desconhecido e a prática ocorre em local público. Vale salientar que a diferença entre os dados relacionados à violência contra mulher varia

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

conforme cultura, economia, leis que regem o país ou religião (SILVA et al., 2020; BRASIL, 2016).

Os danos causados pela violência sexual, as vezes não são imediatos, mas podem ocorrer tardiamente e perdurar por muitos anos, impactando na sua saúde física e mental e com demandas ao serviço de atendimento. Os problemas mais comuns apresentados por vítimas sexuais são trauma emocional, dificuldades de convivência social, fobias diversas, dificuldade de relacionamento sexual, insônia, dor crônica e/ou pélvica, início do uso de substâncias liberadas ou não, gravidez de alto risco, ansiedade e depressão. Como não existe nenhum cuidado preventivo, há uma probabilidade maior de contaminação por HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis, além de ocorrência de gravidez indesejada (MADEIRO et al., 2019; SILVA et al., 2020).

A violência sexual por parceiro íntimo tende a trazer mais danos psicológicos, devido ao maior tempo de agressão, porém, a realizada por desconhecidos é a que gera as agressões mais violentas fisicamente e pode, em alguns casos, terminar em óbito. Quando a violência ocorre por conhecido, a vítima muitas das vezes não consegue realizar a denúncia, pois pode ter dependência econômica com o agressor, ter filhos com ele, dependência emocional e falta de apoio no âmbito familiar e social. Além disso, muitas mulheres não conseguem se visualizar em um relacionamento abusivo, se apegando na esperança de mudança do agressor, ou até mesmo induzidas pela religiosidade (MADEIRO et al., 2019; SILVA et al., 2020).

É importante ressaltar que uma relação sexual, mesmo consentida, com menor de 14 anos é crime, de acordo com o Código Penal Brasileiro (SILVA et al., 2020).

VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Entendemos que a violência de gênero ocorre devido a qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual ou simbólica contra alguém em situação de vulnerabilidade devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual. Desta forma,

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

ocorrendo com mulheres só pelo fato de serem mulheres. Assim também com as transgênero e as travestis que quando estas sofrem agressões e violências, seu atendimento acaba sendo prejudicado e em alguns casos até negado devido ao preconceito. Entretanto, pela Lei nº12.845/2013, o atendimento nas unidades de saúde é garantido e até obrigatório a qualquer pessoa que sofra violência, independente da sua opção sexual (BRASIL, 2016).

SURGIMENTO DA LEI MARIA DA PENHA: AVANÇOS PARA A PROTEÇÃO DA MULHER

No ano de 1983, Maria da Penha Maia Fernandes, uma farmacêutica brasileira, sofreu severas agressões do marido, o professor universitário Marco Antônio Heredia Viveros, que primeiro tentou matá-la com um tiro de espingarda, onde ela ficou paraplégica. Depois de passar quatro meses no hospital, Maria voltou para casa, e seu marido tentou eletrocutá-la enquanto tomava banho (IMP, 2020).

Depois de uma árdua batalha para que seu agressor fosse condenado, sendo que o caso foi julgado em 1991, Maria sentiu em certo momento que a justiça seria feita, mas a defesa do agressor alegou irregularidades no processo. O caso foi julgado novamente em 1996, com nova condenação, porém, mais uma vez a defesa fez alegações de irregularidades e o processo continuou em aberto por alguns anos, mantendo Antônio, seu ex-marido, em liberdade (IMP, 2020).

Em 2001, o Estado Brasileiro foi condenado a reparação simbólica e material à vítima pela falha do Estado em oferecê-la um recurso adequado, ainda foi recomendada a finalização do processo penal contra o agressor de Maria da Penha, além da realização de investigações sobre as irregularidades apontadas e os atrasos no processo, e somado a isso, políticas públicas voltadas à prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher foram adotadas (IMP, 2020).

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Assim, houve a criação da Lei n. 11.340/2006, chamada Maria da Penha, e que foi sancionada em 7 de agosto de 2006, sendo inovadora em muitos sentidos, pois criou mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, algo que ainda não existia no ordenamento jurídico brasileiro (IMP, 2020).

Em 2019, a Lei Maria da Penha sofreu algumas alterações, nas quais consta permitir a apreensão de arma de fogo em posse do agressor. Além disso, o atual Presidente da República, também sancionou uma medida que permite que o agressor seja imediatamente afastado do convívio com a vítima sem autorização de um juiz (IMP, 2020).

Dentre os avanços desde a criação da Lei n. 11.340/2006, foram implementadas delegacias especializadas, redes de apoio à mulher vitimada, medida protetiva afastando o agressor da vítima, defensorias e a opção de denunciar pelo ligue 180. Isso contribui e muito para a segurança das vítimas (BRASIL, 2016).

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À MULHER VÍTIMA DE AGRESSÃO

A assistência de enfermagem visa a integralidade na atenção à saúde da mulher vítima de violência, para tanto o profissional deve manter uma postura de empatia e sensibilidade sem julgamentos, de forma acolhedora (MOTA; AGUIAR, 2020).

Para fortalecer um vínculo e para o cuidado ir além do imediatismo, é necessário orientação, proteção, redução e fim do ciclo de violência sofrida. A Saúde como setor, deve prover a mulher vítima de violência todo o atendimento necessário, seja assistencial, reabilitação, psicológico, físico ou abortamento legal, se for sua vontade (BRASIL, 2016).

A essência do atendimento de enfermagem a mulher é o acolhimento, onde é iniciado o primeiro passo de um percurso cauteloso e muitas vezes doloroso. Após a notificação do caso, o enfermeiro inicia os cuidados seguindo um protocolo institucional, utilizando da Sistematização da assistência de enfermagem e do processo de enfermagem

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

na tomada de decisão e na prática clínica, devendo se atentar, também, para as competências éticas e legais. Não cabe ao enfermeiro julgar ou responder pela vítima, pois as informações passadas pela mesma devem ser mantidas em sigilo (ACOSTA et al., 2017; BRASIL, 2016).

Torna-se necessário que o enfermeiro tenha a capacidade de se colocar no lugar do outro, e quando isso não ocorre por parte dos profissionais, a vítima pode se distanciar. O profissional deve, no seu atendimento a vítima, procurar exercer empatia, mantendo a subjetividade de cada mulher, interligado a sensibilidade, para saber abordar de forma clara e sem ofensa, mantendo uma escuta atenta para que nenhuma informação seja perdida ou desvalorizada, de preferência em um ambiente calmo, iluminado, tranquilo e privativo, para que a mulher se sinta segura e confiante para conversar, estabelecendo um elo de ética e confiança (MOTA; AGUIAR, 2020; BRASIL, 2015).

O enfermeiro, na coleta de dados e exame físico, deve descrever de forma clara as queixas, reações físicas e expressões apresentadas e anotar com precisão as lesões, localização e classificá-las. Nesse momento, é de suma relevância preservar e atentar-se para o espaço/tempo de cada mulher, pois, cada vez que precisa recontar o fato, ela o faz revivendo a violência. Esse período é necessário para planejar o projeto terapêutico e cuidados, com garantia da privacidade e confiabilidade. Durante o exame físico, o enfermeiro explicará passo a passo o que será realizado, onde irá tocar ou apalpar, os exames que serão realizados e o porquê de cada material coletado. Havendo algum tipo de recusa, o enfermeiro deve relatar e preservar o poder de decisão (BRASIL, 2015; BRASIL, 2016).

Abaixo (figura 1), segue o quadro com as lesões corporais mais frequentes observadas por profissionais da saúde em caso de violência sexual:

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Figura 1: Lesões corporais mais frequentes observadas em caso de violência sexualidade.

REGIÃO		POSSÍVEL LESÃO
Craniana	Couro cabeludo	Equimose, escoriação, edema traumático e ferida contusa
	Face	Fratura (malar, mentoniana e nasal), marcas de mordida, escoriação, equimose facial e edema traumático
	Olhos	Equimose periorbitária (olho roxo) e da esclerótica (hemorragia em esclera) e edema traumático
	Orelhas	Equimose, escoriação e edema traumático
	Boca	Equimose labial, equimose intraoral, escoriação, marca de mordida, fratura e trauma dentário
Cervical	Externa	Marca de mordida, equimose por sucção, equimose e escoriação
	Interna	Trauma laríngeo, alteração na voz (rouquidão, disfonia) e dificuldade de deglutição
Torácica e abdominal		Equimose, equimose por sucção, escoriação, marca de mordida e corpos estranhos presentes na pele: terra, graveto, etc.
Mamária		Marcas de mordida ou sucção, equimose, escoriação e laceração nos mamilos
Membros Superiores		Equimose (especialmente nos antebraços e mãos); lesões de defesa, escoriação, edema traumático e fraturas
Mãos		Equimose, escoriação, edema traumático e fratura
Membros Inferiores		Equimose (especialmente nas faces mediais das coxas); lesões de defesa, escoriação, marca de mordida e edema traumático
Genital		Equimose, escoriação, edema traumático e rotura himenal
Anal		Equimose, escoriação, edema traumático, laceração e dilatação
*A existência dessas lesões não caracteriza por si a violência sexual, uma vez que podem ser resultantes da prática sexual consentida.		

Fonte: BRASIL, 2015

Salienta-se que o profissional deve manter um fluxo do atendimento em uma sala reservada, sem identificação e evitando exposição da vítima. A sala deve conter materiais e insumos, para coleta de matérias e atendimentos iniciais necessários à vítima (BRASIL, 2015).

Cabe ao enfermeiro não só prestar o atendimento no momento do ocorrido, mas também através de visitas domiciliares e realização de educação em saúde com palestras, cartazes e rodas de conversa, criando um vínculo com os familiares da vítima, ou até mesmo com as pessoas de seu convívio para que ela se sinta confiante em recomeçar. Caso o profissional esteja em um nível de atenção que não possibilite esse acompanhamento, como por exemplo, na atenção hospitalar, é necessário que o mesmo encaminhe esta mulher para atenção primária à saúde (XAVIER; SILVA, 2019).

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

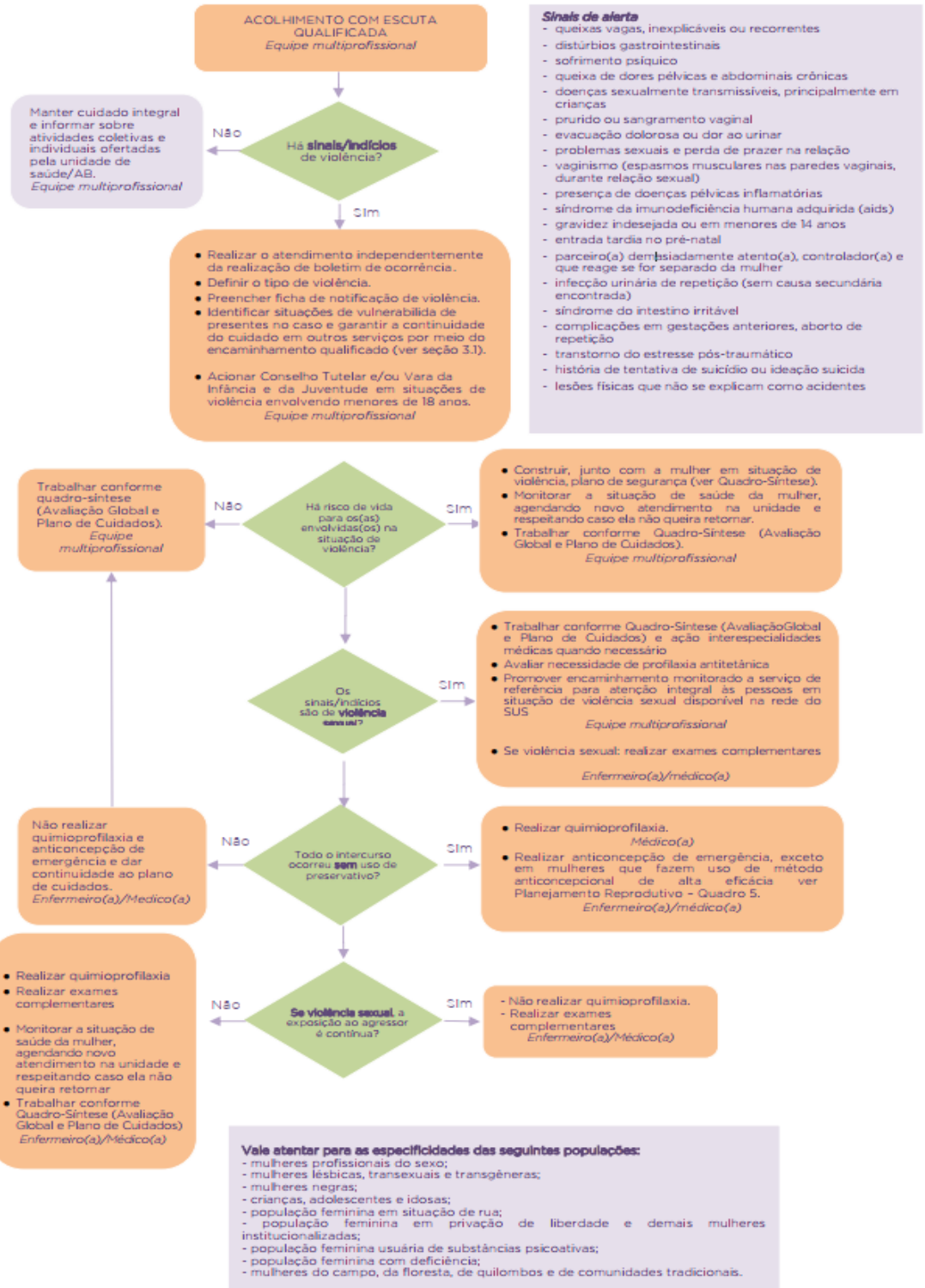
Salienta-se que o atendimento às vítimas visam o respeito, com o objetivo de diminuir o sofrimento apresentado por elas e que as mesmas recebam todo o cuidado de enfermagem, com o objetivo de suprir as suas necessidades biopsicoespirituais, dando prioridade a assistência à saúde das vítimas, antes de qualquer procedimento que envolva processos jurídicos e/ou policial (ACOSTA et al., 2017).

Como exemplo da dinâmica de atendimento de saúde, segue o fluxograma de atendimento na atenção básica às mulheres em situação de violência doméstica e/ou sexual (figura 2).

Conforme o fluxograma abaixo demonstra, além da assistência do enfermeiro, é necessário que seja ofertado a estas mulheres o atendimento multiprofissional, que também é disponível no SUS é indispensável, a fim de auxiliar a mulher no enfrentamento da violência sofrida. É necessário criar mais espaços para a mulher ser ouvida e ter seu direito de tratamento atendido, conforme suas demandas, sem sofrer preconceito ou discriminação (MADEIRO et al., 2019).

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Figura 2: Fluxograma de atenção básica às mulheres em situação de violência doméstica e/ou sexual



Fonte: BRASIL, 2016

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Considerando as vítimas de violência sexual, deve-se iniciar a profilaxia das medicações, para evitar uma gravidez indesejada e transmissão de alguma Infecção Sexualmente Transmissível – IST. Em situações de violência doméstica e/ou psicológica, conhecer o histórico da vítima é um ponto chave para um bom atendimento e, saber o tipo de violência sofrido, agrega a sistematização da assistência, visando o bem-estar emocional, em conjunto com a prática clínica. Medo e incertezas transmitidas pelo enfermeiro podem ocasionar a sensação de frustração à vítima, e a impedem que se sinta segura e esclarecida o suficiente para conseguir sair da situação e do convívio com o agressor (CORTES; PADOIN, 2016).

A assistência à mulher vítima de violência sexual, segue um fluxo de atendimento, acolhimento, registro da história, exames clínicos e ginecológicos, coleta de vestígios, contracepção de emergência, profilaxias para Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV, IST e Hepatite B e a comunicação obrigatória à autoridade de saúde, por meio da ficha de notificação da violência, exames complementares, acompanhamento social e psicológico, seguimento ambulatorial e orientação sobre o boletim de ocorrência policial, caso seja do desejo da vítima (BRASIL, 2015).

A assistência prática se resume em curativos, preservação da saúde, o vínculo criado entre paciente e enfermeiro reforça a ideia de credibilidade nos dispositivos que atendem a situação de violência contra a mulher, e que, com essa ajuda, elas poderão encerrar esse ciclo de maus tratos e assim recomeçar novamente (ALECRIM et al., 2020).

Cabe ressaltar que o atendimento à vítima de violência sexual e/ou doméstica deve ser notificada, para tanto, faz-se necessário o preenchimento de impresso próprio para este fim.

Neste contexto, a capacitação continuada dos profissionais é importante para o acolhimento e esclarecimento de cada tipo de violência, a forma de abordagem durante a consulta de enfermagem e reciclagem, pois as leis podem ser aprimoradas e novos

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

projetos e notificações podem surgir ao longo do tempo. É de total importância preencher a ficha de notificação de forma correta (MADEIRO et al., 2019).

Dentre muitos desafios que o enfermeiro encontra ao prestar assistência à mulheres vítimas de violência, a frustração. Ainda que a vítima receba um atendimento integral, alguns enfermeiros se mostraram frustrados com o fato da mulher retornar para o mesmo ambiente violento em que se encontrava. Porém, muitas das vezes, isso ocorre pelo fato dela não ter para onde ir e talvez até na companhia de filhos pequenos, chamando a atenção dos profissionais para um melhor treinamento e capacitação para realizar esse tipo de atendimento (XAVIER; SILVA, 2019).

Vale ressaltar que o serviço de saúde mental deve ser ofertado aos profissionais que lidam por muito tempo com os casos de violência a mulher, pois diariamente são expostos a violência, e ao passar do tempo podem apresentar sofrimento emocional, levando a um atendimento superficial e encaminhando a vítima a outro serviço ou a subnotificação (BRASIL, 2015).

LOCAIS DE SAÚDE PARA ASSISTÊNCIA À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA

A assistência envolve toda rede de atenção à saúde, neste sentido, a vítima de violência pode ser abordada pela Atenção Básica, diretamente quando procurar pelo pronto atendimento ou pela Delegacia da Mulher. Em ambos os casos, os serviços da vítima seguirão um cronograma de atendimento específico, lembrando que os serviços são articulados e sempre a mulher será orientada sobre seus direitos e sua vontade será respeitada. Essa articulação ocorre entre os órgãos de saúde, segurança e justiça (BRASIL, 2015).

No âmbito do atendimento, onde ocorre a atuação de enfermagem, destacam-se os hospitais, nos casos de violência física e/ou sexual, e as Unidades Básicas de Saúde (UBS), que registram a de natureza doméstica e/ou psicológica. Em muitos casos, nas

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

unidades hospitalares e devido a alta demanda de atendimento, o enfermeiro executa somente os cuidados relacionados às lesões físicas e as orientações básicas sobre as redes de atenção à mulher. Já nas unidades de Atenção Básica, se faz necessária a prevenção através de educação em saúde, e manter o público-alvo informado de todas as formas de violência e mostrar todas as contribuições do enfermeiro frente a essa situação (ALECRIM et al., 2020).

Observamos que dentre as diferenças dos atendimentos na rede hospitalar, o atendimento a vítima de agressão é de acordo com seus sinais e sintomas declarados por ela, já na UBS as vítimas são geralmente identificadas pela equipe do programa saúde da família (PSF) pelo fato de ter um contato direto e a frequência com que a paciente vai a unidade básica, na maioria dos casos. A vítima que busca um atendimento na UBS, seja por vergonha ou por constrangimento, acaba não relatando a violência sofrida de forma clara, tendo que expressar ou até mesmo inventar algo relacionado a saúde, para procurar ajuda devido aos sinais e sintomas que a mulher apresenta, e isso traz um alerta ao enfermeiro da atenção primária, pois ao se aproximar da vítima consegue ajudá-la devido ao vínculo que este âmbito de saúde tem com a comunidade. A atuação deve ser baseada em compreender que a mulher, ao chegar em uma unidade de atendimento, sendo ela primária, secundária ou terciária, busca a resolutividade para sair da situação nociva na qual está inserida (XAVIER; SILVA, 2019).

As pesquisas realizadas apontam que o acolhimento e a humanização do atendimento têm se mostrado eficaz no cuidado à vítima de violência, quando praticada pelo enfermeiro desde a sua entrada até sua alta. Foi observado também que o julgamento imposto pela sociedade ou no ambiente de convivência da vítima, e devido ao gênero, cor e condições econômicas, atrapalham na sua reinserção biopsicossocial, e que compete ao enfermeiro, no âmbito de atendimento através da UBS, o fortalecimento do vínculo com a vítima por meio das visitas domiciliares (ALECRIM et al., 2020).

O enfermeiro busca reduzir os danos causados e prevenir possíveis agravos das consequências devido à violência que a vítima sofreu, visando a segurança, pois é

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

esperado que os cuidados voltados às lesões físicas e/ou traumas possam auxiliar na sua recuperação física, e a conversa terapêutica possa trazer o equilíbrio emocional, além de induzir a vítima a aceitar ajuda para sair da situação de vulnerabilidade (CORTES; PADOIN, 2016).

Deve haver um aumento da prática de educação continuada aos profissionais, sobre o atendimento à vítima, fluxo de atendimento e registro das notificações, reflexões e debates nas secretarias envolvidas. O atendimento à vítima deve ser voltado para todas as áreas da saúde, e o profissional deve ter sensibilidade durante a ausculta para identificar sua necessidade e realizar a ampliação de práticas educativas sobre a temática voltadas à população (MOTA; AGUIAR, 2020).

Incentivar, nas UBS e escolas, a abordagem aos adolescentes a respeito do uso de métodos contraceptivos, saúde reprodutiva, encontros casuais, aplicativos e uso legal do ambiente virtual, além de uma orientação sobre o uso de drogas e o aborto ilegal, pois acreditamos que quanto mais informação e conhecimento gerado para as meninas e meninos no início da vida sexual, diminuem os casos de violência contra mulher. Ressalta-se ainda que a enfermagem necessita se modernizar e manter uma conexão sem ruídos com os outros órgãos, tendo que ser clara e objetiva, informando que a enfermagem é a arte do cuidar, e que todo o tempo que precisar o seu direito será respeitado (MOTA; AGUIAR, 2020).

Neste sentido, na assistência de enfermagem a vítimas de violência doméstica, o enfermeiro deve passar segurança, oferecer um atendimento humanizado, tratar a paciente com respeito, manter o sigilo das informações fornecidas pela vítima e promover a privacidade, ao mesmo deve-se manter um relacionamento e uma comunicação terapêutica, e caso a vítima apresente lesão física e/ou sexual, ele deverá realizar todo o procedimento para tratamento e cuidados da mesma (ALECRIM et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

No decorrer do processo de pesquisa nós entendemos que a enfermagem vai além da escuta e empatia, como descrito na maioria dos artigos encontrados na nossa pesquisa. A assistência do enfermeiro começa na prevenção, orientação sobre cidadania, nos direitos e deveres da mulher, na difusão de pensamento de igualdade e seguridade das suas escolhas sejam elas quais forem.

Dentre os artigos selecionados para o estudo foi observado que algumas instituições adotam seus protocolos e condutas enquanto outras realizam um atendimento normalizado baseado nos sinais e sintomas apresentados pela vítima.

O campo de trabalho da enfermagem na abordagem sobre violência a mulher é amplo, pois pode ser discutido em qualquer roda de conversa, escolas, centros comunitários, religiosos, e principalmente dentro do ambiente hospitalar e UBS. A população deve ser abordada sobre o assunto através de audiovisual, panfletagem e cartazes, quanto mais o tema for discutido mais possibilidade de sensibilização a população sobre o assunto.

Existe ainda muito preconceito da sociedade sobre sexualidade nas escolas, mas esse tabu precisa ser rompido através de informações corretas, a violência chega a mulher ainda na fase infantil e pode seguir por toda a vida. Esse ciclo pode ser rompido através da interação entre o ambiente escolar e a UBS.

É importante ressaltar que ações simples e repetitivas contribuem para a diminuição da ocorrência de agressão porque inibe o agressor. Quanto mais exposição do assunto, mas devemos estar capacitados para o atendimento. Pois com a expansão da informação, muitas mulheres se sentirão encorajadas para realizar a denúncia.

Sugerimos que esse assunto seja contemplado mais vezes em pesquisas, pois existe uma variável devido ao nosso território nacional ser extenso, propiciando realidades muito distintas, como raça, escolaridade, renda, predominância religiosa local. Porém essa variância fica mais nítida quando é observada de forma global.

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

A enfermagem frente a esse quadro tem a função de cuidar, interagir, orientar, coletar exames e amostras biológicas, assim dando continuidade no fluxo de atendimento. Sendo necessário que a equipe, e o local de atendimento seja modernizado, que tenha cursos de capacitação e que esteja interligado para agilizar os outros serviços.Os cursos de capacitação são de total importância, pois trazem um a atualização das técnicas e procedimentos de enfermagem, mostram com clareza os tópicos que deve ser trabalhados e melhorados, e simplesmente o contato com outros profissionais durante palestras, incentiva uma abordagem e postura diferenciada do profissional. Pois a abordagem a vítima deve ser clara e coesa a sua realidade, criando um vínculo e ela se sinta protegida.

A parte burocrática é relevante não pode ser esquecida, todo o fluxo segue protocolos que deve ser preenchido de forma correta, que não apresente falha ou dúvida. Porque toda a documentação pode vir a ser usada em julgamento, e a mulher tem que estar amparada por todos os lados. Essas fichas de notificação geram dados nacionais como: locais que precisam de maior intervenção ativa, campanhas de prevenção, instalação de delegacias especializadas, também nos atentamos sobre a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, 2006), apesar dos avanços de grande importância na proteção a mulher, notamos e alertamos para uma melhora em amparar financeiramente e abrigar essa vítima, pois muitas após denunciar se veem desprotegidas e muitas vezes sem local para ir, já que dependiam financeiramente de seu agressor.

O enfermeiro se depara durante o atendimento com inúmeros problemas: socioeconômicos, gestão, infraestrutura precária para atendimento e realização de exames, recursos humanos e falta de insumos. Temos que citar também a falta de manejo dos profissionais diante a vítima.

O enfermeiro deve propor no seu atendimento, a formação de uma equipe, que apresenta maior poder de resiliência, com melhor afinidade e interesse sobre o assunto, pois foi observado nos artigos que muitos não puderam ter a escolha por outro setor e muitos ao longo do tempo se sentiram esgotados.

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

Consideramos que apesar de ser um problema de saúde pública e existirem leis que a regem a violência contra a mulher é um fator que abrange vítimas a nível mundial e podem gerar sequelas físicas e ou psicológicas irreversíveis, demonstra-se que a atuação do enfermeiro além da humanização e empatia os cuidados físicos e a prevenção de danos tornam o atendimento ainda mais eficaz.

REFERÊNCIAS

1. ACOSTA, D.F. et al. Cuidado à mulher em situação de violência doméstica: representações de enfermeiras(os) hospitalares. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 19, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5216/ree.v19.42471. Acessado em: 15 de outubro de 2020;

2. ALECRIM, F.S. et al. Atuação do enfermeiro no contexto da violência contra a mulher: revisão integrativa da literatura. Revista Saúde, Universidade de Guarulhos, v. 14, n. 1/2, 2020;

3. BRASIL, Ministério da Saúde. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. Protocolos de Atenção Básica: saúde das mulheres. Brasília: Ministério da Saúde, 2016;

4. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Norma Técnica: Atenção humanizada às pessoas em situação de violência sexual com registro de informações e coleta de vestígios. 1ª Edição, Brasília: Ministério da Saúde, 2015;

5. BRASIL. Organização Mundial da Saúde. Organização Pan-Americana de Saúde. Folha informativa – Violência contra as mulheres. Novembro 2017;

6. BRASIL. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei Nº 11.340. Brasília, DF, 2006;

7. CORTES, L.F.; PADOIN, S.M.M. Intencionalidade da ação de Cuidar mulheres em situação de violência: contribuições para a Enfermagem e Saúde. Escola de Enfermagem Anna Nery, v. 20, n. 4, out/dez 2016, e20160083, Rio de Janeiro;

8. DE FREITAS, R.J.M. et al. Atuação dos enfermeiros na identificação e notificação dos casos de violência contra a mulher. HU Revista, Juiz de Fora-MG, v. 43, n. 2, pp. 91-97, abr/jun 2017;

9. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020. Ano 14, 2020;

10. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. 3ª Edição, julho 2020;

11. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. 2ª Edição, maio 2020;

12. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. 1ª Edição, abril 2020;

13. GARBIN, C.A.S. et al. Desafios do profissional de saúde na notificação da violência: obrigatoriedade, efetivação e encaminhamento. Ciência & Saúde Coletiva, v. 20, n.6, pp.1879-1890, jun. 2015;

14. INSTITUTO MARIA DA PENHA. Quem é Maria da Penha. Disponível em: https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html. Acessado em 24 de outubro de 2020;

15. MADEIRO, A. et al. Violência física ou sexual contra a mulher no Piauí, 2009-2016. Revista de Saúde e Ciências Biológicas, Centro Universitário Christus, v. 7, n. 3, jul/set 2019;

16. MOTA, J.A.; AGUIAR, R.S. Percepções de enfermeiros da atenção primária no atendimento às mulheres vítimas de violência sexual. Revista Nursing, v. 23, n. 262, pp. 3848-3851, São Paulo, março 2020;

17. NETTO, L.A. et al. Atuação da enfermagem na conservação da saúde de mulheres em situação de violência. Revista Mineira de Enfermagem da UFMG, v. 22, e-1149, 2018;

18. RODRIGUES, W.F.G.; RODRIGUES, R.F.G.; FERREIRA, F.A. Violência contra a mulher dentro de um contexto biopsicosocial: um desafio para o profissional da enfermagem. Revista de Enfermagem, UFPE, v. 11, n. 4, pp. 1752-1758, abril 2017;

19. ROTHER, E.T. Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta paulista de enfermagem, São Paulo, v. 20, n. 2, pág. v-vi, junho de 2007. Disponível em:

20. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01032100200700020000 1&lng= en&nrm=iso. Acessado em 11 de novembro de 2020;

21. SANTOS, S.C. et al. Violência contra a mulher: Como os profissionais na atenção primária a saúde estão enfrentando esta realidade? Revista Saúde e Pesquisa, Maringá-PR, v. 11, n. 2, pp. 359-368, 2018;

22. SILVA, A.C.F. et al. Violência sexual por parceiro íntimo identificada em Unidade Básica do PSF. Revista Nursing, v. 23, n. 262, pp. 3705-3709, abril 2020, São Paulo;

23. SILVINO, M.C.S. et al. Mulheres e violência: características e atendimentos recebidos em unidades de urgência. Journal of Health Sciences, v.18, n.4, pp.240-244, ago. 2016;

24. WAISELFISZ, J.J. Mapa da violência 2015: Homicídios de mulheres no Brasil. 1ª Edição, FLACSO Brasil, Brasília-DF, 2015;

25. XAVIER, A.A.P.; DA SILVA, E.G. Assistência de enfermagem no atendimento de mulheres em situação de violência na atenção básica. Revista de Iniciação Científica e Extensão, v. 2, n. 2, pp. 293-300, 2019.

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

POSFÁCIO

Redigir este posfácio representou um chamado para assumir um posicionamento, bem como uma grande satisfação em discorrer sobre o tema da saúde materno-infantil. Essa satisfação vem do conhecimento que adquiri sobre os textos produzidos e reunidos neste volume, resultante da louvável iniciativa em divulgar trabalhos e pesquisas em um tema tão relevante como a saúde materno-infantil. Tema esse, bastante amplo, podendo reunir práticas e saberes baseados nas ciências da saúde, ciências humanas e sociais.

Como enfermeiro, atuando há anos na assistência de enfermagem obstétrica e neonatal, tenho vivenciado avanços na implementação de modelos de assistência que valorizam o conhecimento multiprofissional, a interdisciplinaridade e a individualização do cuidado, centrado na usuária/usuário.

Mesmo com todos os esforços, seja por parte do poder público ou pelo controle social e das universidades, ainda apresentamos índices preocupantes de mortalidade materna e satisfação por partes das usuárias para com os serviços de saúde, reforçando a necessidade urgente de fortalecer as iniciativas exitosas, bem como multiplicá-las em todo território nacional.

Inúmeros congressos, produções científicas, fóruns de debates, movimentos organizados de mulheres e associações de profissionais discutem e apresentam as possíveis soluções que podem transformar o cenário da saúde materno-infantil em nosso país. Podemos afirmar, portanto, que vêm ocorrendo um crescimento (mais lento do que eu desejaria), na implementação de politicas públicas voltadas nessa área. A enfermagem obstétrica e neonatal vem se destacando no crescimento desse campo de atuação, reforçando a necessidade do trabalho em equipe, do fortalecimento das redes de cuidados centrado na usuária e do investimento na qualificação profissional e dos serviços.

Podíamos nos questionar qual seria a reviravolta na saúde materno-infantil necessária para além dos modelos predominantes empregados? Qual o papel da

enfermagem e das demais profissões da saúde na busca por um modelo de assistências centrado na mulher? O que a pandemia de COVID-19 nos traz de aprendizado para a nossa saúde humana e ambiental? Essas questões podem fomentar o interesse por mais estudos com enfoque na saúde materno-infantil, proporcionando melhorias na assistência empregadas hoje e no futuro.

Às organizadoras desse e-book (as quais agradeço pelo convite para escrever este posfácio) conseguiu mobilizar vários autores, das mais variadas profissões, reunindo importantes textos neste volume, de relevância para a saúde e bem-estar de mulheres, bebês e suas famílias. Temas desde avanços no diagnóstico por imagem, violência contra à mulher e humanização no cuidado neonatal, são exemplos de trabalhos publicados nesse volume. O que confirma como é amplo o tema apresentado.

Parabenizo a todas (os) as envolvidas (os) na construção, elaboração e divulgação dessa obra.

Emanuel Nildivan Rodrigues da Fonseca[123]

123 Mestre em Enfermagem. Enfermeiro obstetra lotado na clínica obstétrica do Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba. Professor do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

QUEIROZ, Viviane Cordeiro de: Mestranda em Enfermagem pela UFPB. Pós-graduanda em Enfermagem Obstétrica pela Faculdade IBRA/MG. Graduada em Enfermagem pela FACENE/FAMENE-PB (2019). Participa do Projeto de Extensão "Despertando o interesse de alunos do Curso Técnico de Enfermagem sobre Instrumentação Cirúrgica como colaboradora, promovido pelo CCS - Escola Técnica de Saúde da UFPB (2020). Membro integrante do Grupo de Pesquisa em Doenças Crônicas (GPDOC/UFPB/CNPq) (2020). Graduada em Fonoaudiologia pelo Centro Universitário de João Pessoa (2004). E-mail: vivicordeiroqueiroz35@gmail.com

ANDRADE, Smalyanna Sgren da Costa: Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Licenciada em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (2013). Professora substituta da disciplina de Saúde da Mulher da UFCG (2014). Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (2014). Consultora em Amamentação pelo Instituto Mame Bem (2017). Laserterapeuta membro da Sociedade Brasileira de Laser (2018). Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (2018). Especialista em Enfermagem Obstétrica pelo Centro de Formação, Aperfeiçoamento e Pesquisa (2019). Pós-graduanda em Acupuntura pela Associação Brasileira de Acupuntura (finalização em 2021). Atual Diretora de Educação da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN seção Paraíba) (Gestão 2020-2022). Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e do Mestrado Profissional em Saúde da Família? Faculdades de Enfermagem e Medicina Nova Esperança, bem como da pós-graduação em Enfermagem Obstétrica e Ginecológica da Faculdade de Enfermagem São Vicente de Paula (FESVIP). Membro do Grupo de Pesquisa em Doenças Crônicas (GPDOC/CNPq) da Universidade Federal da Paraíba (2011- atual). Docente colaboradora do Projeto de Extensão "Sinergia: perspectivas para a gestação, parto e puerpério saudáveis" (2020). Atua na linha de pesquisa saberes, práticas e tecnologias do cuidado em saúde, práticas integrativas e complementares (auriculoterapia, acupuntura, aromaterapia) voltadas à saúde da mulher (câncer de mama e de colo

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

uterino), intersecção entre temas em obstetrícia, saúde mental e aleitamento materno. E-mail: smalyanna@facene.com.br

SOBRE OS AUTORES

ABREU, Margarida da Silva Neves de: Doutora em Ciências de Enfermagem pela Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto, Portugal. E-mail: mabreu@esenf.pt. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0136-6816.

AGUIAR, Mariana Balduino: Bacharel em Fisioterapia. E-mail: marianabalduinoaguiar@outlook.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5139-6055.

ALMEIDA, Jank Landy Simôa: Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Especialista em Serviços de Saúde Pública e Auditoria em Serviços de Saúde. Atualmente é Professor da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande – PB, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8466-4880. E-mail: jankalmeida@gmail.com.

ALVES, Ana Carolina Dalsecco: Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3424-9608. Lattes: http://lattes.cnpq.br/214426172851447. E-mail: anacarolinad.alves@gmail.com.

ANDRADE, Waléria Bastos de: Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: waleriabastos@hotmail.com. Orcid: http://orcid.org/0000-0002-5208-108X.

AZEVEDO, Ana Lúcia Gonçalves da Silva: FAESO - Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. E-mail: annalucia_silva@live.com

AZEVEDO, Ana Luiza Fonseca: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. ORCID: https://orcid.org/my-orcid?justRegistered. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8091083637214628. E-mail: analuizafonsecazevedo@gmail.com.

AZEVEDO, Ingridy Maria Diniz Melo: Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. E-mail: ingridymdiniz@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3821264069953349. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1079-2032.

BATISTA, Simone Tomaz: Bacharelado em enfermagem pelo Centro universitário Estácio de Juiz de Fora. E-mail: simonetomaz438@gmail.com

BERTANHA, Rafaela Caroline Silva: FAESO - Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. E-mail: rafa_carool@outlook.com

BEZERRA, Iolanda Carlli da Silva: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: iolandacarlli@gmail.com. Orcid: (https://orcid.org/0000-0002-7948-8074).

BOLLER, Astrid: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: astridboller@gmail.com ORCID: http://orcid.org/0000-0002-8855-7238

BORGES, Isadora Villamarim Guerra: Lattes: http://lattes.cnpq.br/6976416229199122. E-mail: isadoravgb@gmail.com

BUCK, Eliane Cristina da Silva: Enfermeira, Mestre. Docente do curso de Graduação em Enfermagem e Medicina da Faculdade Nova Esperança, FACENE, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: cristhina_07@hotmail.com, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9230-8760.

CANTANTE, Ana Paula da Silva e Rocha: Professora Adjunto na Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto, Portugal. E-mail: apcantante@esenf.pt. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3839-344X.

CARACAS, Myllena Maria Tomaz: Secretária estadual de saúde do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. E-mail myllenatcaracas@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0997-3904.

CÉSAR, Edna Samara Ribeiro: Docente da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança e Faculdade de Enfermagem São Vicente de Paula. Enfermeira do Ambulatório de HIV/AIDS do Complexo Hospitalar Clementino Fraga, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: samaraenfermagem@outlook.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1150-5157.

COSTA, Maiara Luci Silva: Bacharelado em enfermagem pelo Centro universitário Estácio de Juiz de Fora. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7979009295172577. E-mail: maiaraluci21@gmail.com

COSTA, Sílvia Souza Lima: Graduada em Enfermagem - Faculdade Morgana Potrich. Pós-graduada em Enfermagem em Centro Cirúrgico e Central de Materiais, Pós-graduando em Práticas da Enfermagem. Cirúrgica pela Faculdade Metropolitana. E-mail: silviacostalima@gmail.com

DELMIRO Andrezza Rayana da Costa Alves: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail:andrezza.delmiro@academico.ufpb.br. Orcid: (https://orcid.org/0000-0003-4818-4286)

DUTRA, Juliana Pinheiro: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: drajulianadutra@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6194-6359. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0648841311342687

FAUSTINO, Rosimara Soares: Bacharelado em enfermagem pelo Centro universitário Estácio de Juiz de Fora. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8552030101320770. E-mail: faustino.rosimara@gmail.com

FERNANDES, Danielle Victor: Graduanda em Enfermagem na Faculdade Nova Esperança, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: daniellevictor.enf@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4475-9225.

FERNANDES, Gabriel Debortoli: Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7184-1497. E-mail: gabrieldfmed@gamil.com.

FERNANDES, Yasmin Peterman: Discente Do Curso De Fisioterapia Da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9513160787931316

FERRO, Thiago Azevedo Feitosa: Enfermeiro, Professor do curso de Enfermagem da Universidade Ceuma (UniCEUMA), São Luís, Maranhão, Brasil. Supervisor da Residência do HUUFMA do hospital materno infantil. Doutor em Biotecnologia pela Rede Bionorte Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: thafeitosaf@hotmail.com

FILHO, Rivaldo Lira: HU-UFMA, São Luís, MA, Brasil, E-mail: Rivaldolirafilho@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3673-210X. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5669532677860639

FONSECA, Carolina Gonzaga: Acadêmica do 9º período de Medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG – Brasil; http://lattes.cnpq.br/8907290032911263. E-mail: carolgonzagaf@gmail.com

FONSECA, Emanuel Nildivan Rodrigues da: Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Especialista em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Atualmente é Professor da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Enfermeiro da Universidade Federal da Paraíba lotado na Clínica Obstétrica do Hospital Universitário Lauro Wanderley. João Pessoa-PB, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6372-2332. E-mail: emanuelnrf1975@gmail.com.

FONSECA, Jéssica R. C. S. da: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: jessicarcsfonseca@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6453-3741. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6873527008459215Faculdade

FORTUNATO, Renata Cláudia da Silveira: Enfermeira, especialista em Obstetrícia e Neonatologia, Parnamirim, RN, Brasil. E-mail: renatta-claudia@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6646-9491.

FREITAS, Lucimar de Carvalho: FAESO - Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. E-mail: Lucimardecarvalhof@gmail.com

GALDINO, Lívia Ferreira Cirilo: Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: liviacirilo@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6689-2986.

GALVÃO, Kayo Elmano Costa da Ponte: HU-UFMA, São Luís, MA, Brasil, E-mail: Kayoelmano17@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4409-7222. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4972570793699348

GOMES, Daniela Veloso: Médico ginecologista e obstetra pelo Hospital Mater Dei e Professor de ginecologia da Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2630-5932. E-mail: velosogdaniela@gmail.com

GONÇALVES, Victoria Dornas Parreiras Coutinho: Lattes: http://lattes.cnpq.br/4837184277382862. E-mail: Victoria.coutinho@hotmail.com

HIBNER, Maria Eugênia Rezeck Braga: Acadêmica do 9º período de Medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG – Brasil; http://lattes.cnpq.br/8646392461698684. E-mail: mariae.hibner@gmail.com

HOLANDA, Alexsandra de Luna Freire: Maternidade Frei Damião, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: alexsandraluna1989@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5357-4468. Maternidade Frei Damião, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: alexsandraluna1989@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5357-4468.

IGNÁCIO, Fernanda Loureiro: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: fernandaloureiro2@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9538-653X. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0648841311342687

JANUÁRIO, Dilyane Cabral: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: cabral.enfermagem@hotmail.com. Orcid: (http://orcid.org/0000-0002-2319-3015).

LAURENTINO, Jéssica Aparecida: Discente Do Curso De Fisioterapia Da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0129158013663560

LEONE, Denise Rocha Raimundo: Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Centro Universitário Estácio Juiz de Fora. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6578591830719845. E-mail: denise.leone@estacio.br

LIMA, Fagner Arruda de: I Gerência Regional de Saúde de Pernambuco (GERES/PE), Recife-PE, Brasil. E-mail: fagnerlim@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0847-8063

LIMA, Maria Luísa Ciríaco: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: marialuisaciriaco@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8571-1298 LATTES: http://lattes.cnpq.br/9375413955253461

LINS, Maria de Lourdes Vieira: FACENE, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: maluvlins@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7844-3923.

LOURENÇO, Karoline de Medeiros: Enfermeira, pela UNNINASSAU, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: karolinemlourenco@gmail.com, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5650-5062.

LUCENA, Adriana Lira Rufino de: Enfermeira, mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: adriana.lira.rufino@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3236-4605.

LUZ, Luis Henrique Santana: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: luis_santana@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5190-1413

MACHADO, Júlia Ballesteros: Acadêmica do 5º período de Medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG – Brasil; http://lattes.cnpq.br/5714977396248242. E-mail: juliabm08@hotmail.com

MACHADO, Luiza Ballesteros: Acadêmica do 9º período de Medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG – Brasil; http://lattes.cnpq.br/0669788508613690. E-mail: luizaballesterosm@gmail.com

MAGOSSO, Thais Aparecida Bozza: FAESO - Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. E-mail: thaisbozzamagosso@gmail.com

MATOS, Suellen Duarte de Oliveira: Enfermeira, doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: suellen-321@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5881-3827.

MATTOS, Manuela Pittella de: Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. E-mail: manupmattos@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9640905532151563. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0080-7392.

MELO, Flavia Marques de Sousa: Secretaria Municipal de Saúde do Recife (SMS/Recife), Recife-PE, Brasil. E-mail: flavinha.msmelo@gmail.com. Orcid:https://orcid.org/0000-0001-9095-6206

MUNGUBA, Clarice Emília Silva: Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), Recife-PE, Brasil. E-mail: emilia.munguba@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3402-0769

NEGREIROS, Rosangela Vidal de: Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Especialista em Enfermagem Obstétrica. Atualmente é Professora da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande-PB, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7242-6447. E-mail: negreiros.vidal@hotmail.com.

NEVES, Khatty Johanny Humbelina Avellán: Mestre em Saúde da Mulher e Professora de ginecologia da Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. E-mail: kattyjohanny@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0455098963714443

OLIVEIRA, Adda Beatriz Lopes de: Enfermeira, pela Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, FACENE, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: addabeatrizloliveira@outlook.com, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7975-8775.

PASSOS, Xisto Sena: Bacharel em Fisioterapia. E-mail: marianabalduinoaguiar@outlook.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5139-6055.

PEDROSA, Vittoria Maria Silva: Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4011-4347. E-mail: vittoriapedrosa@gmail.com.

PEDROSO, Thalita Rodrigues: Discente Do Curso De Fisioterapia Da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7088078182594959

PELUCIO, Ana Laura Pimenta: Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. Orcid:

https://orcid.org/0000-0002-9466-4224. E-mail: analaurapimentapelucio01@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1086359078241608.

PEREIRA, Amanda Taynã Bento: Discente Do Curso De Fisioterapia Da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4510627496751768

PORTUGAL, Sintia Dias: Graduanda em enfermagem. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3543417350451313. E-mail: sintiaportugal@hotmail.com

RACILAN, Alexon Melgaco: Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. E-mail: alexonracilan@gmail.com

REZENDE, Giovanna Aparecida Marques: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: girezende9@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5810-844X. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9642862623489791

RIESCO, Thais Bandeira: Docente na Universidade Paulista. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1440613021508984. E-mail: thaisriesco@gmail.com

ROCHA, Karyanna Alves de Alencar: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife-PE, Brasil. E-mail: kary.aar@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8365-3477

ROCHA, Maria Rita Martins da: Docente Do Curso De Fisioterapia Da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2729-5964. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4949284451055002. E-mail: mariarita.martiins@gmail.com

ROCHA, Sofia Helena Marques: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: sofiahmrocha@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7177-8296

RODRIGUES, Bruna Beatriz Cavalcanti: Discente da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, FACENE, João Pessoa, PB, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8457-5498. E-mail: brunnabeatriz015@gmail.com.

RODRIGUES, Erta Soraya Ribeiro César: Faculdades Integradas de Patos, Patos, PB, Brasil. E-mail: ertasoraya@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1150-5157.

SAFRA, Gilberto: Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo - USP. Atualmente é Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da

Universidade de São Paulo – USP. São Paulo – SP, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5572-5071 .E-mail: iamsafra@yahoo.com.

SANT'ANA, Celise Martins: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: celisenut@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4429-4050. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7879757356020565

SANTANA, Roseane Lustosa de: HU-UFMA, São Luís, MA, Brasil, E-mail: Roseanelustosas@gmail.com. Orcid https://orcid.org/0000-0001-6689-9686. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8881337930386304

SANTOS, Ana Caroline Moreira: Lattes: http://lattes.cnpq.br/4837184277382862. E-mail: cacamoreiira01@gmail.com

SANTOS, Jozicleide Barbosa dos: Faculdade de Enfermagem Nova Esperança (FACENE), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: jozicleidebsantos@gmail.com. Orcid: (https://orcid.org/0000-0002-6717-7949).

SANTOS, Rebeca Medeiros dos: Enfermeira, pela Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, FACENE, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: rebecamedeiros01@gmail.com, Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0338-7768.

SANTOS, Yasmim Gonçalves Teles: FACENE, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: ytelessantos@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3952-0911.

SILVA, Amanda Benício da: Enfermeira, Mestre. Docente do curso de Graduação em Enfermagem e Medicina da Faculdade Nova Esperança, FACENE, João Pessoa, PB, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4657-7804. E-mail: amandabeniciojp@gmail.com

SILVA, Anna Paula dos Santos: Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: annapaulajppb33@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5017-1479

SILVA, Gláucio Magno Nascimento: Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: Gmagno-2009@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2959-0775.

SILVA, Gustavo Henrique Santos da: Enfermeiro, Graduado em Enfermagem pela Universidade Ceuma (UniCEUMA), São Luís, Maranhão. Pós-graduado em Urgência e Emergência pela Universidade Anhanguera-UNIDERP. E-mail: ghsanto03@gmail.com

SILVA, Ísis de Siqueira: Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, Campina Grande-PB, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2403-2504. E-mail: isis1998.siqueira.silva@gmail.com.

SILVA, Maria Helena Rodrigues Costa: Faculdade Uninassau, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: leninha_rodrigues14@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3314-3326).

SILVA, Thaís Ponciano Barbosa da: Enfermeira, pela Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, FACENE, João Pessoa, PB, Brasil, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7105-9443. E-mail: thaisjpbarbosa@live.com

SILVEIRA, Ana Paula de Oliveira: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: silveiraanap97@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4701-7518

SOARES, Fabio Montalvão: Universidade Federal de Jataí - UFJ, Jataí GO, Brasil. E-mail: professor.fabiomontalvao@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1235-8996

SOUSA, Laura Bragança Rabelo: de Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. E-mail: laubrabelo@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9795167523557696. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4789-8703.

SOUSA, Letícia Aquino: Faculdade da Saúde e Ecologia Humana, Vespasiano, MG. E-mail: let.aquinos@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7441-5044

SOUSA, Marcos Henrique Oliveira: Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo-SP, Brasil. E-mail: marcos-fono@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7388-7795

SOUSA, Marina Teixeira de: Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5241-6580. E-mail: marinateixeira371@gmail.com

SOUZA, Ilana Vanina Bezerra de: Enfermeira, Mestre. Docente do curso de Graduação em Enfermagem e Medicina da Faculdade Nova Esperança, FACENE, João Pessoa, PB, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7833-6415. E-mail: ilanavbs@gmail.com.

SOUZA, Wellyta Ribeiro de: Universidade Federal de Jataí - UFJ, Jataí GO, Brasil. E-mail: wellyta.ribeiro@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1235-8996

TONON, Érika: FAESO - Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. E-mail: tonon.erika@gmail.com

TORRES, Valdicléia da Silva Ferreira: Enfermeira, Mestre. Docente do curso de Graduação em Enfermagem e Medicina da Faculdade Nova Esperança, FACENE, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: valdicleiaenf@gmail.com, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3974-7123.

VIEIRA, Barbara Letícia Andrade: Graduanda em Medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (FASEH), Vespasiano, MG, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9750-6312. E-mail: bavieir07@gmail.com

XAVIER, Pedro Bezerra: Mestrando em Saúde Coletiva - UFRN; Enfermeiro pela Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4212-1551. E-mail: pedrobx37@gmail.com.

1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ansiedade, 180
Assistência de enfermagem, 73
Assoalho Pélvico, 37

C

Centro Cirúrgico, 260
Cinesioterapia, 190
Cirurgia Fetal, 125
Conhecimento, 134
Coronavírus, 235
COVID-19, 119, 180
Cuidado pré-natal, 149
Cuidados de enfermagem, 94, 160
Cuidados pré-natal, 225
Cyberbullying, 344

D

Defeitos do Tubo Neural, 125
Depressão pós-parto, 180
Diabetes, 134
Diabetes Mellitus, 190
Diagnóstico por imagem, 25
Doenças imunopreveníveis, 314

E

Eclâmpsia, 249
Endometriose, 25
Endometriose profunda, 25
Enfermagem, 149, 235, 260, 284, 326
Enfermagem Neonatal, 160
Enfermagem obstétrica, 54
Estágio Clínico, 235
Estratégia saúde da família, 73

F

Fatores de Risco, 210
Feto, 225
Fisioterapia, 37

G

Gestação, 37, 134, 210
Gestante, 149, 180
Gravidez, 119, 225

H

Hipertensão, 249
Humanização, 149

I

Incontinência Urinária, 37, 190

M

Maternidade, 235
Mielomeningocele Fetal, 125
Mioma, 225
Mortalidade materna, 210, 249, 297
Mulheres, 94

P

Pandemia, 119, 235
Paralisia cerebral, 271
Participação do pai, 284
Parto, 54, 119
Parto humanizado, 54
Pediatria, 314
Pele, 160
Perfil epidemiológico, 297
Pornografia de vingança, 344
Pré-eclâmpsia, 249
Pré-natal, 73, 284

Puerpério, 180

Q

Qualidade de Vida, 37, 190

R

Reabilitação, 271
Realidade virtual, 271
Recém-nascido, 149
Recém-nascido Prematuro, 160, 326
Ressonância Magnética, 25

S

Saúde da mulher, 297
Saúde Pública, 284
Segurança do Paciente, 260
Sexting, 344
Sistemas de informação em saúde, 297

T

Trabalho de parto, 54

U

Ultrassonografia, 25
Unidade de Terapia Intensiva, 160
Unidades de Terapia Intensiva Neonatal, 326
Útero, 225

V

Vacinação, 314
Violência, 94
Violência doméstica, 94

E-BOOK PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER
E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL
1ª ED VOL.1 ISBN: 978-65-89928-01-0 DOI: 10.47538/AC-2021.05

E-BOOK

PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS EM SAÚDE DA MULHER E NO CONTEXTO MATERNO-INFANTIL

1ª EDIÇÃO. VOLUME 01.

ORGANIZADORAS
Viviane Cordeiro de Queiroz
Smalyanna Sgren da Costa Andrade

DOI: 10.47538/AC-2021.05

ISBN: 978-65-89928-01-0

(84) 99707 2900
@editoraamplamentecursos
amplamentecursos
publicacoes@editoraamplamente.com.br

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2021